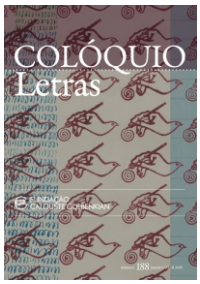

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Sobre o poema de Vasco Graça Moura «Para esconder um verso de Catulo»

Maria Bochicchio

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Bochicchio, "Sobre o poema de Vasco Graça Moura «Para esconder um verso de Catulo»", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 205-209.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

[2] Cf. a segunda estrofe de «O poeta agora já não é uma sombra vaga», p. 41: «O poeta... o poeta agora esculpe a poesia / Em carne, veias, sangue, nervos e sentidos... / O poeta escuta e guarda as ânsias e os gemidos / E tem pra toda a dor uma palavra amiga, / Pra todo o desespero um olhar de esperança, / Amparando um velhinho, ampara uma criança, / E sente e amarga e chora as lágrimas do povo! / Mas se um carrasco ri do pobre, o poeta, doido, / Troveja, ruge, grita, blasfema e castiga / E a sua lira é arma e os seus versos são balas!»

[3] Tivemos ocasião de nos referir às cartas de Vicente Aleixandre para Albano Martins no n.º 186 desta revista.

SOBRE O POEMA DE VASCO GRAÇA MOURA «PARA ESCONDER UM VERSO DE CATULO»

1. Eis aqui, nesta densíssima recolha de Vasco Graça Moura[1], um dos frequentes exemplos de poema metalinguístico.

os dias são tão frágeis
nas pétalas de sombra
que os tornam imperfeitos,
inconclusos, ásperos
e tão interrogados.

os deuses querem sempre
dos dias a oferenda
quando a luz é mais pálida
em tons de azul ou malva.
e quando a cor da cinza

começa a invadi-los,
prometem-nos em sonhos
a perfeição sonhada.
e entre sonho e promessas
os dias não são nada,

só, entre desalento
e alento, a diferença
medida pelas flores
que vão murchando e a que
damos o nome de horas,

de modo a que vivamos
a medida de tantos
dias que são tão frágeis,
em pétalas de sombra
por isso mesmo belas.

vivamos, minha lésbia,
e amemos. assim seja
a tua pele de pétalas
de uns dias a corola.
mas quantos dias quero?

Tratar-se-ia de implicitação[2], se o autor não se tivesse dado ao cuidado de declarar no título a sua própria fonte, «escondida» no começo da última estrofe e, aliás, celebérrima, isto é, o breve poema de Catulo *Vivamus, mea Lesbia, atque amemus*, que um estudioso francês assim resumiu de forma exemplar: «Ce poème célèbre entre tous pose un rapport direct, irréfutable, entre l'urgence et l'intensité du plaisir, la saveur des *basia* et la brièveté de la vie, avant que ne s'abatte la *nox perpetua*.»[3]

Com efeito, não se pode mencionar o *incipit* deste poema sem relembrar, ao mesmo tempo, os vv. 7-9, «Da mi basia mille, deinde centum, / dein mille altera, dein secunda centum, / deinde usque altera mille, deinde centum». No poema de Vasco Graça Moura os *basia*, mesmo escondidos, estão presentes[4]. Ele decerto não é o primeiro que, de alguma forma, «censura», ou melhor dizendo, omite esses versos, que constituem o passo mais apaixonado do *componimento* catuliano. *Vivamus, mea Lesbia* foi copiosamente traduzido e citado pelos autores da Renascença, muitos dos quais, porém, preferiram omitir ou alterar a segunda parte.

É o caso dum soneto de Louis Labé (XVIII) e, ainda mais, de outro de Joachim Du Bellay (*Regrets* LIII)[5]: «Si les quatrains traduisent à peu près Catulle, les tercets le dés-érotisent, et tentent de modérer sa notion d'un plaisir volé à l'"eternelle nuict' par le souci de ne pas imiter 'le vivre d'une beste', de garder la tête levée vers le 'ciel' [...]. Ce *carpe diem* est non seulement modéré, mais altéré par l'amertume et la contingence qui président à son adoption.»[6]

Algo parecido acontece, na Inglaterra, com uma estrofe muito conhecida de Thomas Campion (1601)[7]: «Campion follows Catullus up lo line six and then continues differently [...]. While Catullus'poem is basically an encouragement to enjoy life and frolic as long one as one can and no to be bothered by old people's objections, Campion's version is rather a general defence of life devoted lo love and peace, contrasting it with that of a soldier.»[8]

Em resumo, a recepção renascentista europeia demonstra como os seis primeiros versos do poema de Catulo eram muito mais aproveitáveis do que os restantes — ou pelos menos se prestavam a funcionar como prólogo duma conclusão, por vezes, bastante diferente da originária.

2. Como veremos, posto que Vasco Graça Moura se esquiva a mencionar os *basia*, nem por isso se dispensa de inserir na última estrofe uma alusão claramente sensual. O próprio encanto deste poema consiste no facto de associar à simplicidade da linguagem quotidiana uma construção lexical extremamente cuidadosa: relegada no começo da última estrofe, onde é repartida num verso e meio, a própria citação de Catulo («vivamos, minha lésbia, / e amemos») já está anunciada no começo da estrofe precedente («de modo a que vivamos»), onde, não por acaso, o autor recolhe os sintagmas mais característicos do poema, nomeadamente «a medida de tantos / dias», que retoma «medida pelas flores» da estrofe precedente (a respeito da qual o conector «a que» é outro elemento comum); e «dias que são tão frágeis», ligeira variação do dístico inicial do poema («os dias são tão frágeis / nas pétalas de sombra»).

As repetições caracterizam, aliás, o poema todo, adensando-se na estrofe central onde formam uma espécie de quiasmo lexical, no qual «prometem-nos... promessas» são os extremos, e «sonhos... sonhada... sonho» são os médios[9]. Finalmente, o substantivo «dias» aparece em cada estrofe, menos na quarta. Na estrofe final, esta complexa rede de relações tem como remate estes três versos e meio: «assim seja / a tua pele de pétalas / de uns dias a corola. / mas quantos dias quero?» Com respeito ao sintagma já presente na primeira estrofe («nas pétalas de sombra») e na penúltima («em pétalas de sombra»), «a tua pele de pétalas / de uns dias» (com anástrofe) constitui uma variação de relevo, cuja importância fica realçada pela inédita duplicação, na mesma estrofe, de «dias».

O sintagma «pétalas de sombra» gaba-se, na sua simplicidade, duma tradição ilustre, e aparece, por exemplo, em Teixeira de Pascoaes[10] e em Carlos Drummond de Andrade[11]: «Em *O mar, no living* (*As impurezas do branco*), Drummond diz que 'a noite descerra / as pétalas de sombra'. Percebe-se uma nova conotação para a palavra *pétala*. Para Drummond, as 'pétalas de sombra' são as várias camadas da noite que, ao se instaurar, escurece todas as coisas; são as várias peças que compõem a noite e a escuridão.»[12]

3. Em virtude deste conjunto de recursos, o verso «a tua pele de pétalas» (com aliteração complexa «pele», «pé... las») reveste-se duma enorme intensidade semântica, capaz de compensar por si própria a ausência implícita dos *basia* (vv. 7-9 do texto emissor): estes dias frágeis, que convém oferecer aos deuses na hora do pôr-do-sol, «quando a luz é mais pálida», dispõem-se afinal de modo a formar uma corola de pétalas (de sombra? pois estamos na hora do ocaso), esta corola sendo a pele da própria Lésbia.

Portanto é, mais uma vez, o amor aquilo que o poeta procura, não, porém, comparável ao amor descrito por Catulo. Além da «corola», a alusão a um outro modelo está na quarta estrofe, onde a substituição excepcional de «dias» por «horas»[13] (em quase perfeita assonância com «flores») e sobretudo o gerúndio «murchando» são sinais precisos da presença subterrânea de Ricardo Reis[14], já palpável, de resto, nos «deuses» mencionados no começo da segunda estrofe[15]. Neste contexto, «corola» corresponde, naturalmente, a «coroa» ou «grinalda»[16]. Também o tipo de estrofe, uma quintilha de heptassílabos, tem exemplos em Ricardo Reis[17]. No resto, bem sabemos que a busca da sensualidade não faz parte da ideologia própria deste heterónimo de Pessoa[18]. Há, entretanto, um dos poemas inéditos (105a, 9-16) que termina numa nota de erotismo catuliano:

> Ah, se o que somos é sempre isto, e apenas
> Uma hora é o que somos,
> Com tal fúria nessa hora nos usemos
> Que arda sua lembrança
> Como vida, e nos beijemos, Chloe,
> Como se, findo o beijo
> Unico, houvesse de ruir a subita
> Mole do morto mundo.

Quanto a Vasco Graça Moura, finalmente ele pergunta-se «quantos dias» seriam necessários para tornar o amor não quase infinito (como queria Catulo), mas perfeito, daquela «perfeição sonhada» e, por isso mesmo, inatingível, pois os dias são, além do resto, «imperfeitos», ou antes, «os dias não são nada»[19], como diz o verso central do poema, titular da rima com «sonhada», única ao longo do poema[20]. Com efeito, seja o amor ou a poesia, é à perfeição que ele aspira, não à intensidade.

E concluo deixando flutuar palavras, como diria Vasco Graça Moura «no mal estar de tudo o que não disse».

Maria Bochicchio

NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

1 *Laocoonte, Rimas Várias, Andamentos Graves*, Lisboa, Quetzal, 2005.

2 Termo criado por Bernard Magné (*Perecollages*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 1989, p. 134) para designar a citação implícita, completamente fundida no texto de recepção, dissimulada pela ausência de sinais tipográficos como os caracteres em itálico ou as aspas.

[3] François Cornilliat, *Sujet caduc, noble sujet*, Genève, Droz, 2009, p. 355, nota 11.

[4] «Les baisers, que [o autor] ne cite pas, entourent cependant la citation, car dans le texte la présence d'autres poèmes agit sur le mode d'une absence désignée, et l'entour de la citation signifie tout autant sinon plus que la citation elle-même» (François Rastier, «Indices et parcours interprétatifs», *in L'Interprétation des indices: Enquête sur le paradigme indiciaire avec Carlo Ginzburg*, ed. Denis Thouard, Lille, Presses Universitaires du Septentrion, 2007, p. 135-36).

[5] *Œuvres poétiques*, ed. Daniel Aris et Françoise Joukovsky, Paris, Bordas, 2009, t. II, p. 93.

[6] François Cornilliat, *ob. cit*. Mais fiel é, na mesma época, a transposição de Olivier de Magny, sonnet LXVII («Vivons, Belle, vivons et suivons nostre amour»).

[7] «My sweetest Lesbia let us live and love» (*A Book of Ayres*, Part I.I). A paronomásia entre os dois verbos foi recuperada por Samuel T. Coleridge: «My Lesbia, let us love and live».

[8] Gesine Manuwald, «Thomas Campion: a poet between the two worlds of classical and English literature», *in* Luke B. T. Houghton & Gesine Manuwald (ed.), *Neo-Latin Poetry in the British Isles*, Londres, Bloomsbury Publishing, 2012, p. 42. Sobre a popularidade deste poema de Catulo na Inglaterra elisabetana, cf. Gordon Braden, «*Vivamus mea Lesbia* in the English Renaissance», *English Literary Renaissance*, 9, 1979, p. 199-224.

[9] Veja-se ainda, na primeira estrofe, a aliteração prefixal «imperfeitos, / inconclusos [...] interrogados»; e na quarta, a variação prefixal «entre desalento / e alento».

[10] «É o eterno desejo radioso cristalizando em pétalas de sombra e de lembrança. É o primeiro viço da terra a desenhar-se em folhagens e a divina graça das almas descrevendo os gestos da Beleza e do Amor: A força da divina Saudade» (*Os Poetas Lusíadas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 97). Cf. também Joaquim Pessoa, *Os Olhos de Isa*: «Nos olhos de Isa a manhã explode num inferno de estrelas, / num clarão de silêncio, em estilhaços de rosas, pétalas de sombra.»

[11] A associação com «murchar» encontra-se, contudo, em António Lobo Antunes, *Segundo Livro de Crónicas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2007, p. 265: «onde parece que o ar murcha, as árvores murcham, os sons de automóveis, de pessoas, de aparelhos de rádio murcham também, pétalas de sombra tombadas ao comprido das hastes».

[12] Elis de Almeida Cardoso, «A Neologia Semântica e a Formação do Neologismo Literário», *in* Maria João Marçalo *et al.* (ed.), *Língua Portuguesa: Ultrapassar Fronteiras, Juntar Culturas*, Évora, Universidade de Évora, 2010, p. 69. Cf. Dora Ferreira da Silva, *Poesia Reunida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1999, p. 44: «Tombam do sol pétalas de sombra / setas de luz arisca».

[13] Cf., a título de exemplo, Ricardo Reis, VIII 5-6: «doe-me / A hora invita, o tempo que não cessa»; 100, 5-12: «Tanto quanto vivemos, vive a hora / em que vivemos [...] / Melhor vida é a vida / Que dura sem medir-se»; 108, 2-3: «e hora a hora, / Pensando, envelhecemos»; 167, 1-2: «Vive sem horas. Quanto mede lesa, / E quanto pensa mede». Quanto à «luz... pálida» do dia, cf. 43, 1: «A pallidez do dia é levemente dourada». Citamos da edição crítica de Luiz Fagundes Duarte, *Poemas de Ricardo Reis*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994 (os algarismos romanos indicam as odes publicadas, os árabes os poemas inéditos).